

Evangelizar no espírito de Jesus: a dimensão querigmática da evangelização

Evangelizing in Jesus' spirit: the kerigmatic dimension of evangelization

Luiz Antônio Pinheiro, OSA⁴

O objetivo desta oficina é refletir sobre uma das exigências fundamentais da evangelização, com base nas quatro exigências propostas pela CNBB (anúncio, diálogo, testemunho e serviço): o anúncio. Destacaremos a dimensão querigmática da evangelização, ou seja, a proclamação radiante do mistério pascal que suscita o desejo do encontro com o Senhor ressuscitado, presente e atuante na história e na vida das comunidades e das pessoas. Apresentaremos uma rápida fundamentação bíblica em torno ao Espírito Santo, centrada no Evangelho de Lucas e Atos dos Apóstolos (sem entrar em maiores considerações exegéticas), uma reflexão sobre a Ressurreição – mistério central da fé cristã e sobre o querigma – e, por fim, algumas reflexões para posteriores aprofundamentos, surgidas nas intervenções.

“Um novo ano da graça do Senhor” (cf. Lc 4, 19)

O ano litúrgico C (2006-2007) tem como texto nucleador o Evangelho de Lucas, no qual Jesus e as figuras principais são apresentados como pessoas “repletas do Espírito Santo”. O livro dos Atos dos Apóstolos – “o Evangelho do Espírito Santo”, em continuidade com o Evangelho, apresenta a Igreja como obra do mesmo Espírito de Jesus, sendo igualmente apresentados seus discípulos e discípulas como pessoas “repletas do Espírito Santo”.

4. Mestre em Teologia (Institutum Patristicum Augustinianum, Itália), diretor e professor do curso de Teologia do Instituto Dom Resende Costa, em Belo Horizonte. e-mail: lapinheiro1@hotmail.com.

Um dos textos-chave do Evangelho de Lucas é a conhecida passagem (4, 16-22) em que Jesus vai à sinagoga num sábado – como era seu costume – quando, ao levantar-se para fazer a leitura, lhe foi entregue o livro do profeta Isaías. Jesus leu o texto de Isaías 61, 1-2: “O Espírito do Senhor está sobre mim, porque Ele me ungiu para evangelizar os pobres, enviou-me para proclamar a remissão aos presos e aos cegos a recuperação da vista, para restituir a liberdade aos oprimidos e para proclamar um ano de graça do Senhor”. Jesus começou a ensinar dizendo: “Hoje se cumpriu aos vossos ouvidos essa passagem da Escritura” (4, 21).

E “todos testemunhavam a seu respeito, e admiravam-se das palavras cheias de graça que saíam de sua boca” (4,22). O que é essa graça senão a própria presença do Espírito Santo, a mesma com que fora cumulada Maria na anunciação: “Alegra-te cheia de graça, o Senhor está contigo” (Lc 1, 28b).

Toda a vida de Jesus será pautada por essa “presença graciosa”, que o conduzirá a sempre realizar a vontade do Pai, agraciando a todos aqueles que aceitam este “ano de graça do Senhor”. Os discípulos e discípulas de Jesus, como pessoas repletas de seu Espírito e dóceis a Ele, também são chamados e enviados a experienciar, anunciar e comunicar esse mesmo dom.

O conteúdo central da boa-nova de Jesus é o anúncio do Reinado de seu Pai e a manifestação misericordiosa do próprio Pai, n’Ele e em suas obras, como vem explicitado na obra lucana. A vida dos discípulos e discípulas de Jesus Cristo será, assim, um contínuo “engravidar-se da presença” de Jesus, como diziam os Santos Padres da Igreja. Essa “fecundação espiritual” acontece, de maneira especial, no encontro com os pobres e pequeninos, provocando uma verdadeira exultação no Espírito, como aconteceu com o próprio Jesus: “Eu te louvo, ó Pai, Senhor do céu e da terra, porque ocultaste essas coisas aos sábios e entendidos, e as revelaste aos pequeninos. Sim, ó Pai, porque assim foi do teu agrado” (Lc 10, 21).

Pessoas agraciadas e repletas do Espírito Santo

Recordemos aqui algumas passagens em que o Reinado de Deus é apresentado como a “efusão do Espírito Santo”, em primeiro lugar em Jesus, na sua vida, em suas ações, e também na Igreja, nos discípulos e discípulas de Jesus.

Os personagens da antiga aliança movem-se na esfera da novidade suscitada pelo Espírito e se alegram pela realização da promessa: Maria concebe por graça do Espírito Santo (Lc 1, 35); Isabel repleta do Espírito Santo (1, 41; cf. 1,15); Zacarias repleto do Espírito Santo (1, 67; “a mão do Senhor”: 1,66b); o menino (João Batista) cresce e se fortalecia em espírito (1, 80 ; cf. 2, 40.52; 1,66; At 2,41; 6,7); Simeão, movido pelo Espírito (2,27). João Batista anuncia que o Messias batizará com o Espírito Santo e o fogo (3,16b).

Jesus é apresentado como um Profeta “pleno do Espírito Santo”: o Espírito Santo “desceu sobre Jesus” no Batismo (3,22); Jesus, pleno do Espírito (4,1); Jesus na Galiléia, com a força do Espírito (4,14); Jesus na sinagoga de Nazaré (4,18-19, cf. Is 61,1-2); Jesus expulsa demônios pelo Espírito Santo (11,26; cf. Ex 8,15; Mt 12, 28: “Dedo de Deus” – *digitus paternae dexteræ*); Jesus assegura que o Espírito Santo será mestre e defensor na perseguição (12, 11-12).

O “conteúdo programático” da “evangelização” de Jesus, apresentado no episódio da sinagoga de Nazaré, desenvolve-se por meio de suas “ações e palavras” (*gestis et verba*, cf. DV 2), sob a ação do Espírito Santo. Assim se apresentam as curas e ações maravilhosas de Jesus (por exemplo: ensino com autoridade: 4,32; cura do endemoniado de Cafarnaum: 4,33-37; diversas curas: 4,40-41; curas como testemunho para João Batista etc.; gestos proféticos, tais como: refeição com pecadores na casa de Levi: 5,29-32; pecadora perdoada: 7,36-49; missão dos discípulos: 9,1-6).

Suas ações são explicitadas por meio de seus discursos, ensinamentos, parábolas (cf. bem-aventuranças: 6,20-49; o ensinamento de Jesus: 8,16-21; o maior e o menor: 9,46-48; uso do nome de Jesus: 9,49-50; grande mandamento: 10,25-28; Pai Nosso: 10,1-4 etc.).

Por sua vez, os Atos dos Apóstolos apresentam os discípulos como pessoas “repletas do Espírito Santo”: o próprio Jesus escolhe os Apóstolos sob a ação do Espírito Santo (At 1,2); cf. Pentecostes: At 2, 1-12 (“e todos ficaram repletos do Espírito Santo” 2,4); toda a comunidade reuniu-se em oração, após a perseguição de Pedro e João: “Tendo assim orado, tremeu o lugar onde se achavam reunidos. E todos ficaram repletos do Espírito Santo, continuando a anunciar com intrepidez a palavra de Deus” (4,31). Escolha dos “diáconos”: “sete homens, de boa reputação, repletos do Espírito Santo e de sabedoria” (6,3). Estevão é apresentado como um homem “cheio de raça e poder” (6,8), “repleto do Espírito Santo” (7,52). Ao impor as mãos sobre Saulo, ele lhe diz: “É

para que recuperes a vista e fiques repleto do Espírito Santo.” (9,17b) Barnabé, “um homem bom, repleto do Espírito Santo e de fé” (11, 24).

O anúncio da ressurreição era acompanhado por sinais prodigiosos: “Com grande poder, os apóstolos davam o testemunho da ressurreição do Senhor, e todos tinham grande aceitação” (4,33). “Pelas mãos dos apóstolos faziam-se numerosos sinais e prodígios no meio do povo...” (5,12; cf. também 2,22; 3,12; 4,7; 6,8; 8,7.13; 10,38).

O crescimento da Igreja em várias regiões se dava pela ação do Espírito: “Entretanto, as Igrejas gozavam de paz em toda a Judéia, Galiléia e Samaria. Elas se edificavam e andavam no temor do Senhor, repletas da consolação do Espírito Santo” (9,31). E também sobre os discípulos vindos da gentilidade se derramava o Espírito Santo: “Pedro estava ainda falando estas coisas, quando o Espírito Santo caiu sobre todos os que ouviam a Palavra... também sobre os gentios se derramara o Espírito Santo” (10, 44-48).

A urgência de retomar o tema da “Nova Evangelização”

“Muitos cristãos, católicos, foram sacramentalizados, mas não evangelizados!” Essa afirmação de Fr. Raniero Cantalamessa nos remete com muita propriedade ao tema da chamada “Nova Evangelização”, lançada por João Paulo II: “nova no ardor, nova nos métodos, nova na expressão”.

Muitos católicos receberam, de fato, por influência do ambiente social, da família, da tradição, a fé cristã e se acostumaram a pedir o batismo aos filhos, levá-los à igreja, fazê-los receber a Primeira Comunhão, a Crisma; a se casarem na igreja; a solicitarem a unção dos enfermos; a última bênção nas exéquias... o que não significa que tenham realizado, em profundidade, um encontro pessoal com Jesus Cristo, ou mesmo que tenham acolhido com alegria a sua “boa notícia”, o seu Evangelho. Muitos passaram pela vida sem sentirem a alegria transformadora do Espírito Santo e a importância de participarem numa comunidade de fé e de testemunhar essa “boa notícia”.

Mais do que nunca, nosso povo brasileiro tem anseio por “palavras de vida eterna”; entre tantas péssimas notícias, deseja receber, precisa ouvir, novas notícias; é necessário quem lhe anuncie motivos para ter esperança, renovar sua capacidade de dar a volta por cima, fazer do nosso país e do mundo um “lugar bom de se viver”.

A “Nova Evangelização” consiste, pois, em tornar a anunciar o Evangelho àqueles e àquelas que o receberam superficialmente, como a semente caída ao longo do caminho, sem germinar em terra fértil. É necessário, então, preparar os corações para que recebam, como “terra árida, sedenta de água”, as sementes da boa-nova de Jesus, para que produzam, “segundo sua capacidade, cem, oitenta, sessenta por um”.

As pessoas de nossa época são sensíveis às experiências de encontro, de afeto, de partilha sincera e autêntica, de testemunhos simples e verdadeiros, de exemplos de solidariedade e amor concretos. Por aí se abre caminho ao anúncio do Evangelho. Uma vez evangelizadas – e evangelização é um processo permanente, de toda a vida – as pessoas viverão e degustarão em profundidade a realidade dos Sacramentos, “sinais visíveis da graça de Deus”. Dessa maneira, serão “sal da terra e luz do mundo”, como agentes transformadores de sua família, de seu ambiente de trabalho, estudo e convivência, da sociedade, de forma geral.

O querigma: proclamação do núcleo central da fé cristã

Como vimos, a “Boa-Nova” de Jesus, cujo conteúdo central é o anúncio do Reinado de Deus e o Deus do Reino, que é Pai, presentificava-se na obra realizada por Jesus. Esse anúncio, difundido pelos discípulos, isto é, a Palavra que eles “evangelizam” (cf. At 8,4.25.40; 14,7.15.21; 16,20), ou o “evangelho” (15,7; 20,24), concretiza-se para o cristianismo primitivo na pessoa de Jesus (8,35), ressuscitado por Deus (13,32s; 17,18; cf. 2,23+; 9,20) e feito Filho de Deus com poder (cf. Rom 1,1+), Cristo (5,42; 8,12; cf. 9,22) e Senhor (10,36; 11,20; 15,35; cf. 2,36+). O Jesus que anuncia torna-se, portanto, o Jesus anunciado.

Estamos aqui diante do “querigma”, ou “anúncio fundamental” da fé cristã. Originariamente, *quérigma* era a “notícia” anunciada pelo *quérux*, o funcionário público que, de tempos em tempos e em horas e lugares determinados, proclamava as notícias da cidade ou do império. Os cristãos tomaram de empréstimo essa expressão para identificar a proclamação da Boa-Nova centrada nos acontecimentos pascais, “a morte e a ressurreição de Jesus”.

Temos nos Atos dos Apóstolos uma série desses “discursos querigmáticos”, normalmente lidos na primeira leitura de nossas celebrações eucarísticas durante o tempo pascal: At 2,24-36; 3, 13-26; 4, 10-12; 5, 30-32; 10, 36-43; 13, 17-41.

A estrutura básica do querigma (cf. At 2, 24-36) é a seguinte:

Jesus, o Nazareno,	
Por meio Dele, Deus operou: Prodígios, sinais, milagres	VIDA
Este homem foi entregue, Por desígnio determinado,	MORTE
Morto Deus o ressuscitou (exaltação)	RESSURREIÇÃO
Nós somos testemunhas Espírito Santo derramado Constituído Cristo e Senhor	

No seu desenvolvimento e na sua compreensão, o querigma não pode ser separado de toda a vida de Jesus. Vida, morte e ressurreição formam uma unidade, em que a pessoa e a obra de Jesus se apresentam como a manifestação do Reinado de Deus. Ele é, na belíssima expressão de Orígenes, a “autobasileía tou Theou” (ele mesmo é o Reino de Deus!).

Daí segue para nós hoje uma reflexão muito importante: evangelizar, de acordo com o Espírito de Jesus, significa apresentar hoje a pessoa de Jesus como central e decisiva para o homem e para a mulher de nossos tempos. Trata-se de anunciar o Senhor ressuscitado, o mesmo que viveu “fazendo o bem” e que, por causa de sua decisão radical pela vida, pelo amor, pela não-violência, se entregou à morte.

“E vós sois as testemunhas disso!” (Lc 24, 48)

O querigma, como estamos vendo, proclama o mistério central da fé cristã: a morte e a ressurreição de Jesus. Esse “mistério” – um evento significativo da vida de Jesus (assim como o são a sua encarnação, narrativas da infância, batismo, vida pública, pregação, sinais maravilhosos etc.) –, nós o celebramos em cada Eucaristia, seguindo a sua ordem: “Fazei isto em memória de mim!” (cf. 1 Cor 11, 23-26).

A fé na ressurreição de Jesus é o fundamento da nossa vida cristã, do nosso ser Igreja, do anúncio do Evangelho, do sentido da vida e da história, enfim: “Se Cristo não ressuscitou, a vossa fé é ilusória e ainda estais em vossos pecados” (1 Cor 15, 17).

A fé na ressurreição apresenta vários aspectos: em primeiro lugar, quando se fala em “ressurreição”, o que se entende por essa palavra? Trata-se da tradução latina, *resurrectio*, de duas outras palavras gregas, dos verbos *egeírein* (acordar do sono) e *anástemi* (levantar-se). É uma imagem belíssima para expressar que Jesus acordou do sono da morte e levantou-se.

A principal mensagem é exatamente esta: Jesus está vivo, Ele venceu a morte! Ele se fez ver por seus discípulos, Ele “apareceu” e, por ter tomado a iniciativa, os discípulos “viram” o Senhor ressuscitado. Ele se coloca no meio deles, contra todas as suas expectativas e dúvidas e lhes transmite a paz e lhes envia o Espírito Santo. E os envia em missão, para anunciarem tudo isso.

As Escrituras expressam a dificuldade inicial dos discípulos de creem, de diversas maneiras, num misto de medo e alegria: “com medo e grande alegria” (Mt 28, 8); “não acreditaram” (Mc 16, 11.13); “essas palavras parecem um delírio e eles não acreditaram nas mulheres” (Lc 24, 11); “mas os seus olhos estavam impedidos de o reconhecer” (Lc 24, 16); “espantados e cheios de medo, eles pensaram estar vendo um fantasma” (Lc 24, 37); “como sob efeito da alegria, eles permaneceram incrédulos” (Lc 24, 41); “com efeito, eles ainda não tinham compreendido a Escritura segundo a qual Jesus devia ressurgir dos mortos” (Jo 20, 9); “vendo o Senhor, os discípulos ficaram tomados de intensa alegria” (Jo 20, 20b); “Jesus estava de pé na praia, mas os discípulos não sabiam que era Ele” (Jo 21, 4).

Essa maneira de falar da nova condição do Senhor, “que morreu e ressuscitou”, indica que a iniciativa e a primazia da ação são de Deus. Nos Atos dos Apóstolos, encontramos vários “discursos” nos quais os Apóstolos testemunham a sua fé: “este homem, que passou fazendo o bem, e que nossas autoridades mataram, crucificando-o, Deus o ressuscitou; e disso nós somos testemunhas” (cf. At 2, 22-24; 3, 13-15; 4, 30-32; 10, 39-43, entre outros).

Essa mensagem principal, cheia de entusiasmo, e que desperta para a conversão e aceitação de toda a mensagem de Jesus, o “querigma”, desenvolveu-se posteriormente nas confissões de fé, nos relatos da paixão e morte, das aparições do Ressuscitado e na composição dos

Evangelhos. A “confissão de fé” vê, desde muito cedo, sintetizada no “credo” ou “símbolo apostólico”.

O anúncio feito pelos Apóstolos, a proclamação do querigma, vinha acompanhado de “sinais maravilhosos”, como explicitado anteriormente, assim como os que Jesus realizara em sua vida terrestre e também durante o período de suas aparições. Sinais maravilhosos que iam desde curas, conversões, pregações corajosas, até a própria maneira de viver dos primeiros cristãos: “A multidão daqueles que tinham abraçado a fé tinha um só coração e uma só alma e ninguém considerava como propriedade sua algum bem seu; pelo contrário, punham tudo em comum” (At 4, 32; cf. também At 2, 42-47).

Assim se realizava o que Jesus ressuscitado profetizara: “Então Ele lhes abriu as Escrituras, e lhes disse: ‘É como foi escrito: o Cristo sofrerá e ressuscitará dos mortos no terceiro dia, e em seu nome se pregará a conversão e o perdão dos pecados a todas as nações, a começar por Jerusalém. E vós sois as testemunhas disso. Da minha parte, eu vou enviar-vos o que meu Pai prometeu’” (Lc 24, 45-49 a).

Evangelizar de acordo com o Espírito de Jesus requer retomar, entre outros, esses aspectos. Enfatizamos, de modo especial, a dimensão do anúncio fundamental, o querigma. A fé na ressurreição implica o anúncio por obras e palavras. Como fazê-lo? Essa mensagem tem sentido para as pessoas de hoje? O nosso mundo está aberto para acolher, compreender e viver essa mensagem?

Reflexões e pontos para aprofundamento

A partir das reflexões surgidas na oficina realizada em torno ao tema proposto, destacamos algumas conclusões, colocadas como pontos para posteriores aprofundamentos:

1. A experiência de Deus em Jesus Cristo: o anúncio fundamental da fé se faz sobre uma pessoa – Jesus Cristo. O documento de participação do V CELAM apresenta em sua primeira parte o anseio de felicidade que existe no coração de toda pessoa. Para a fé cristã, o caminho da felicidade, da realização humana passa por esse encontro radical com o Absoluto, que é Deus. “Fizeste-nos, para Ti, Senhor, e inquieto está o nosso coração enquanto não descansar em Ti!” (S. Agostinho). Jesus nos revela quem é Deus e quem é o homem. O caminho de realização do cristão é o caminho de Jesus Cristo. Como aconteceu na

- sinagoga de Nazaré, devemos ter “os olhos fixos nele”.
2. A dimensão do discipulado e da missão: decorrente do que foi dito, é no seguimento de Jesus Cristo, na vivência de seu Evangelho, que se faz a experiência de Deus e a partir de onde se pode anunciar, evangelizar. A experiência da evangelização é auto-implicativa: evangelizamos porque somos evangelizados! No Evangelho de Lucas, os discípulos fazem a experiência de Deus com Jesus – são evangelizados. Nos Atos dos Apóstolos, anunciam Jesus como “o Senhor” – tornam-se evangelizados.
 3. A importância da linguagem: estamos já “acostumados” com a linguagem recebida na liturgia, na catequese, na formação. Para os que se encontram na comunidade eclesial, na caminhada, essa linguagem pode ter um significado. Mas e os que estão à margem, ou buscando? Essa linguagem “conhecida” pode não significar nada ou até mesmo ser um entrave para a evangelização. É necessário, pois, explorar ou até criar uma nova linguagem, que seja compreensível aos jovens, às crianças, aos vários segmentos de nossas sociedades.
 4. Se, por um lado, é verdade que muitos católicos foram sacramentalizados, não, porém, evangelizados, por outro, também é verdade que, para grande maioria dos católicos, o “contato sacramental” tem sido o momento privilegiado desse encontro pessoal com Jesus Cristo, fonte de vida, esperança, força na caminhada. É necessário, pois, promover uma autêntica catequese sacramental, que seja ocasião de uma autêntica “evangelização”.
 5. Experiências ou Espaços privilegiados da Evangelização:
 - 5.1 Experiência da Palavra (leitura e oração em torno da Bíblia; círculos bíblicos; celebrações; formação bíblica; leitura orante; canal de diálogo ecumênico; conhecimento pé-no-chão)
 - 5.2 Testemunho de serviço e de comunhão: a partir de muitas expressões de solidariedade, serviço simples, humilde e silencioso nas comunidades. Repensar formas concretas de partilha em todos os sentidos.
 - 5.3 Vivência na comunidade de fé: acolhida, integração das pessoas. Redescobrir e valorizar a “dimensão terapêutica” da comunidade. A comunidade como o espaço de

encontro com o Cristo vivo.

- 5.4 Resignificação da linguagem: a linguagem é importante, mas estar atento para o fato de que não é uma linguagem que liberta. A linguagem é ambígua: pode ser libertadora ou alienante.
- 5.5 A vivência concreta das pessoas: quais são as verdadeiras perguntas, questionamentos, problemas, dificuldades, buscas das pessoas de hoje? Que significa falar de Jesus “salvador”, “libertador”? De que nos salva ou nos liberta Jesus?
- 5.6 Em nossas comunidades, temos bons projetos, cursos de formação e aprofundamento. Faltam-nos, no entanto, propostas de ações ou práticas mais apropriadas para o anúncio fundamental. Os movimentos, serviços e outros grupos (“novas comunidades”) conseguem, nesse sentido, uma aproximação maior das pessoas, principalmente nas grandes cidades. É necessária uma articulação maior com a pastoral de conjunto das Igrejas locais.